



AS AMEFRICANAS: MULHERES NEGRAS E FEMINISMO NA TRAJETÓRIA DE LÉLIA GONZALEZ

Alex Ratts¹

pássaro
impreciso
este corpo carrega a realidade
anda pára e pensa
apalpa a essência
escreve
presente
e cansa
Alzira Rufino – *Eu, mulher negra resisto*, 1988

A pesquisa para a biografia de Lélia Gonzalez (RATTS & RIOS, 2010) resultou no levantamento de um conjunto de textos – artigos em livros, periódicos e jornais, além de entrevistas – em que podemos identificar a aproximação e o envolvimento da intelectual ativista com o movimento negro e feminista e suas idéias acerca da situação das mulheres negras e da importância de sua organização.

No final dos anos 1970, a observamos no processo de “tornar-se negra” e a vemos participar da reorganização do movimento negro contemporâneo, destacando muitas vezes a questão da mulher negra. Nos anos 1980 a trajetória de Lélia Gonzalez se confunde com as primeiras organizações de mulheres negras brasileiras. Esta é também uma época de intensas viagens suas pela África Ocidental, os Estados Unidos e a Europa nas quais ela refaz seu pensamento negro e feminista na diáspora africana. Após 1988, percebemos sua proposição de que a discussões relativas às mulheres negras devam ser feitas por dentro do movimento negro, mais que no movimento feminista, sem perder o horizonte nacional e transnacional (a Amefricanidade).

A presente comunicação estabelece, portanto, a correlação entre indivíduo e movimento social, ou seja, entre a trajetória de Lélia Gonzalez, os movimentos negro e feminista e a organização de mulheres negras.

Menina e jovem negra fora do lugar

¹ Antropólogo. Professor do curso de graduação e pós-graduação em Geografia e do mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Goiás. Coordenador do laboratório de Estudos de Gênero, Étnico-Raciais e espacialidades do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás.



Lélia de Almeida nasceu em 01 fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, 17^a. filha de do casal Urcinda Serafim de Almeida e Acácio Joaquim de Almeida. Sua mãe era uma trabalhadora doméstica de ascendência indígena e seu pai um trabalhador ferroviário negro. Um de seus irmãos mais velhos, Jaime jogava no time do Atlético Mineiro. Após a perda do pai e um convite para que fosse jogar no Clube de Regatas Flamengo, Jaime, leva toda a família para o Rio de Janeiro. Lélia estava com 7 anos.

A partir daí, por uma conjunção de fatores, Lélia tem uma trajetória escolar pouco comum às meninas e jovens negras:

(...) fiz escola primária e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico-brasileiro, porque na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais minha condição de negra. E, claro, passei pelo ginásio, científico, esses baratos todos (GONZALEZ, 1979, p. 202).

Lélia cursou o ginásio na segunda metade da década de 1940 na escola profissional feminina Rivadávia Correia. Foi no Colégio Pedro II que Lélia Gonzalez fez o curso científico já nos anos 1950. Nas duas escolas ela teve curso de línguas estrangeiras e deve ter sido ali que teve sua base de francês, idioma do qual ela será tradutora. Morando no subúrbio, em Ricardo de Albuquerque, e estudando em escolas no centro, Lélia teve o suporte de uma família para quem sua mãe trabalhava e foi, sobretudo, apoiada pela mãe e por irmãos e irmãs².

Nos anos 1950, Lélia opta pelo curso de História e Geografia da Universidade do Estado da Guanabara, atual universidade Estadual do Rio de Janeiro. Depois cursa Filosofia na mesma instituição e leciona em diversas instituições particulares e públicas, de ensino médio e superior, mais uma vez diferenciando-se da trajetória das mulheres negras das classes populares de sua época.

Em diversas entrevistas, Lélia Gonzalez enfatiza várias vezes que se afastou de circuitos negros populares e passou efetivamente por um processo de branqueamento:

Meu relacionamento [com a comunidade e o movimento negros] era sempre uma coisa estranha. Quanto mais você se distancia de sua comunidade em termos ideológicos, mas inseguro você fica e mais você internaliza a questão da ideologia do branqueamento. Você termina criando mecanismos pra você se segurar, houve por exemplo uma fase que eu fiquei profundamente espiritualista. Era uma forma de rejeitar meu próprio corpo. Essa questão do branqueamento bateu muito forte em mim e eu sei que bate forte em muitos negros também (*O Pasquim*, 1986, p. 9).

Na Faculdade eu já era uma pessoa de cuca, já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema. Eu fiz Filosofia e História. E a partir daí começaram as contradições. Você enquanto mulher e enquanto negra sofre evidentemente um processo de discriminação muito maior. E, claro que, enquanto estudante muito popular na escola, como uma pessoa legal, aquela pretinha legal, muito inteligente, os professores gostavam, esses baratos todos... (GONZALEZ, 1979: p. 202-203).

² VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970 – 1990)*. 2006, p. 48.



A professora Lélia de Almeida, era, em suas palavras, uma *lady*, uma mulher negra que , seguindo padrões vigentes, alisava os cabelos ou usava peruca lisa, vestidos comportados. Mas ela era também “aquela pretinha legal” que estudava bastante, que se destacava como estudante e depois como professora, chegando a ser tradutora de livros franceses de psicanálise. É importante ressaltar que ela teve participação em grupos de estudos marxista que chamaram a atenção da ditadura militar (BARRETO, 2005; VIANA, 2006, RATTTS & RIOS, 2010). Poucos elementos indicavam que ela se transformaria na ativista negra e feminista que se tornou uma figura pública no cenário nacional e internacional.

O tornar-se negra e feminista de Lélia Gonzalez

Antes de completar 40 anos, Lélia de Almeida participa de reuniões no Teatro Opinião e na Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, das quais surgirão várias organizações do movimento negro fluminense.

O sinal acentuador desta mudança se verifica no cabelo, entre cacheado e crespo, volumoso, usado mais ao natural, às vezes no estilo *black power*. (...) Desde o final dos anos 1960 e início dos 70, várias mulheres negras estadunidenses, africanas e brasileiras, a exemplo de Angela Davis, Alice Walker, Nina Simone, Miriam Makeba e Beatriz Nascimento, passaram a vestir-se com as chamadas cores “vivas” ou “quentes” que suas mães e avós eram desestimuladas a usar e experimentaram vários penteados das tranças ao cabelo *black power*.³

A evocação de Lélia Gonzalez faz aparecer o nome de outras mulheres negras intelectuais ativistas como Beatriz Nascimento (1942-1995) e Helena Theodoro Lopes. Beatriz Nascimento era historiadora e ativista, foi fundadora do Grupo de Trabalho André Rebouças que atuou na Universidade Federal Fluminense e publicou diversos artigos acerca de cultura negra, quilombos⁴. Helena Theodoro Lopes é autora de mito e espiritualidade e também tem produzido a respeito de cultura negra. Na pesquisa com seus textos não identificamos um momento em que ela se inicia nos eventos feministas

A intelectual ativista e o movimento de mulheres negras

³ RATTTS, Alex & RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. 1ª. Ed. São Paulo: selo Negro, 2010, p. 69-70

⁴ Para uma análise de sua trajetória, consultar: RATTTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida Ed Beatriz Nascimento*. 1ª. Ed. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.



Quando o movimento negro contemporâneo se organiza, as discussões *de e acerca de* mulheres negras também se iniciam:

A formação de núcleos e coletivos femininos negros com fins políticos ocorreram no interior do movimento negro nos finais dos anos de 1970. As ativistas são unânimes em ressaltar a postura e comportamentos machistas de seus companheiros militantes, que nas entidades foram expressas pela postura autoritária frente às mulheres, pelo controle das falas, pelas ameaças verbais e pelo domínio das estruturas decisórias. Tudo isso acontecia a despeito das mulheres serem presença constante e constitutiva nas organizações⁵.

Ratts e Rios continuam, inserindo Lélia Gonzalez neste contexto:

Desse modo, mesmo não tendo atuado nas primeiras reuniões das mulheres negras cariocas no interior do movimento negro na Candido Mendes, em Ipanema, que surgiram por volta de 1973/1974 (Viana, 2006, p.64), quando Lélia se aproximou da organização e dessas mulheres fora vista como grande respeito e admiração, já que ingressava no movimento em posição diferenciada. Tão logo veio a tomar conhecimento da organização e das reuniões femininas, ela não deixou passar despercebida a articulação dessas mulheres em seus escritos e palestras. Sendo assim, buscou registrar as atividades políticas bem como as diversas tentativas de organização das mulheres negras⁶.

No nascimento da organização de mulheres negras Lélia Gonzalez é participante, protagonista:

Os anos setenta e oitenta apontam para o surgimento de grupos organizados de africanos em quase todo o país: Rio de Janeiro (Aqualtune, Luiza Mahin, Grupo de Mulheres Negras d RJ, Nzinga Coletivo de Mulheres Negras, Centro de Mulheres de Favelas e Periferias), São Paulo, coletivo de Mulheres Negras de SP (...)

Os anos seguintes testemunharam a criação de outros grupos de mulheres negras (Aqualtune, 1979; Luiza Mahin, 1980; grupo de Mulheres Negras do Rio de Janeiro, 1982), que de um modo ou outro foram reabsorvidos pelo movimento negro. Todas nós, sem jamais termos nos distanciado do movimento negro, continuamos a discutir as nossas questões específicas junto aos nossos companheiros, que muitas das vezes nos tentavam excluir dos níveis de decisões, delegando tarefas mais “femininas”. Desnecessário dizer que o MN não deixava (e nem deixou ainda) de reproduzir práticas originárias mistas, sobretudo no que diz respeito ao sexismo. (Gonzalez, 1985 p.100)

A organização mais referida neste período é o Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras, ainda que não tenha sido a primeiro grupo de mulheres negras do Rio de Janeiro e do Brasil. Destaca-se que nestes espaços encontravam-se mulheres negras das classes populares e dos setores médios.⁷

Deve-se ressaltar que, neste período, Lélia também inicia suas publicações em periódicos e faz comunicações orais em eventos nacionais e internacionais abordando a situação da mulher negra, diante da combinação entre racismo e sexismo. Para ela, são dois campos em construção: o ativismo e a vida acadêmica. Pode-se afirmar que neste período Lélia Gonzalez se configura como “intelectual orgânica”, expressão que ela usa para definir a si mesma:

No meu caso, fiz um tipo de escolha, que foi a militância de rua, participando de organizações negras, de seminários, na medida em que nós, os intelectuais negros orgânicos somos tão poucos, realmente existe um

⁵ RATTs, Alex & RIOS, Flávia. *Op.cit.* p. 95.

⁶ IDEM, p.

⁷ Em entrevista concedida a Alex Ratts e Flávia Rios em julho de 2009, Helena Theodoro Lopes, também uma mulher negra acadêmica e pertencente à classe média, ressaltou este aspecto.



grande leque de atividades para poder responder às exigências que nos são colocadas. E, ao mesmo tempo, existe uma militância, no nível do movimento (negro), que, a meu ver, é de uma grande importância de atuação nos meios não negros. Em nível da produção intelectual de um trabalho que desenvolvo numa universidade, uma militância que se revela extremamente gratificante inclusive, sob certos aspectos, embora muito doída porque é muito fácil você se fechar num canto e ficar discutindo internamente — isso não só em relação ao movimento negro, mas o movimento de mulheres, etc. — a grande questão é sair prá rua, ir se defrontar com o outro⁸.

Neste período, Lélia é uma intelectual reconhecida que circula entre mulheres e homens, entre negros e brancos, entre a academia e círculos populares. Nota-se também que ela tinha realizado viagens internacionais como uma intelectual ativista negra. Desses deslocamentos surgem ideias, propostas que ela traz para sua obra. É o caso da proposição de um feminismo afro-latino-americano que ela formula após participar de eventos no Panamá e na Bolívia.

No primeiro evento, realizado no Panamá, Gonzalez nos diz que “as análises e discussões terminaram por derrubar barreiras – em reconhecimento do racismo pelas feministas – e preconceitos anti-feministas por parte das ameríndias e amefricanas dos setores populares”⁹ No segundo, na Bolívia, ela dá a entender que era uma voz amefricana solitária a apontar as contradições do não reconhecimento das mulheres negras e da combinação entre o racismo e o sexismo.

É no artigo que se refere a tais eventos que ela enuncia um caminho que foi tomado por grande parte das mulheres negras ativistas: o de fazer a discussão preferencialmente pelo movimento negro.

Quase ao final da década de 1980, entre os dias 2 e 4 de dezembro de 1988, em Valença, Rio de Janeiro, acontece o 1º. Encontro Nacional de Mulheres Negras do qual Lélia foi participante e ao qual ela apresenta críticas por que parte das discussões de se detiveram numa oposição entre “sexos”, entre mulheres e homens.¹⁰

Não tenho elementos para entrar no mérito da discussão que Lélia Gonzalez fez a respeito do evento, a não ser o que está contido no seu texto. À semelhança do feminismo branco ela critica o feminismo negro em formação (e presente naquele contexto) por não representar a trajetória das mulheres negras das classes populares e por trazer discussões que não encontram respaldo na vida da população negra. Neste sentido ela evoca as *amefricanas*, as mulheres da diáspora africana na

⁸ GONZALEZ, Lélia. *A democracia racial: uma militância*. Revista Uapê – Revista de Cultura. No. 2. 2000 (republicação da entrevista divulgada em: Informativo SEAF, 1985).

⁹GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamericano*. Santiago, Revista *Isis International*. Vol. IX, junio, 1988a, Chile, MUDAR/DAWN, p.140.

¹⁰ GONZALEZ, Lélia. *A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social*. Raça e Classe, ano 2, n. 5, nov./dez., 1988, p.2



América Latina e no Brasil que teriam resistência ao feminismo por não se verem nele representadas:

E quando nos reportamos às Amefricanas da América Latina, e do Brasil em particular, nossa percepção descobre uma grande resistência o feminismo. É como se ele fosse algo muito estranho para elas. Herdeiras de uma *outra cultura ancestral*, cuja dinâmica histórica revela a *diferença* pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de *mulheridade* do que de *feminidade*, de *mulherimo* do que de *feminismo*. Sem contar que sabem mais de *solidariedade* do que de *competição*, de *coletivismo* do que de *individualismo*.¹¹

Lélia Gonzalez não observou como construiu e tornou-se parte dessa diáspora africana. Ao inventar o termo amefricana, tornou-se uma dessas figuras. Um detalhe importante que vemos em seus escritos é que em mais de um artigo Lélia chama algumas mulheres negras estadunidenses, caribenhas ou brasileiras de irmãs¹² :

Repensando o projeto individual face ao projeto político

Entre 1988 e 1991, localizamos poucas referências de comunicações e de artigos de Lélia Gonzalez. Numa de suas últimas entrevistas, cedida em 1991, ela demonstra que está repensando seu projeto individual face ao projeto político do movimento negro:

Eu vejo meu próprio caso, eu fui muito assim, é uma autocrítica que eu estou fazendo também. Eu achava que tinha que estar em todas, me jogando loucamente, e meu projeto pessoal se perdeu muito, agora que eu estou catando os pedaços para poder seguir a minha existência enquanto pessoinha que sou. E a gente sai muito ferido e machucado dessa história toda. Machucado não só porque você investiu demais neste tipo de projeto, mas machucado também pelas porradas que outros lhe dão, não há dúvidas. A questão da militância tem que ter esse sentido e aí nós temos que aprender com os nossos antigos, os africanos, esse sentido da sabedoria, esse sentido de saber a hora em que você vai interferir e como você vai interferir (*Jornal do MNU*, 1991, p. 9).

O alerta que Lélia Gonzalez fazia para os militantes negros, como reflexo do que pensava para si mesma naquele momento, fazia muito sentido conquanto que ela via companheiros(as) adultos sem seu cotidiano assegurado (casa, trabalho, etc.), com pouca dedicação à sua vida pessoal, com problemas de saúde física ou mental psíquicos, como Beatriz Nascimento que ela diz “ter pago muito caro por sua militância, por sua inserção em termos de movimento negro” (Gonzalez, 1984, p.43), alguns chegando ao suicídio como Eduardo Oliveira e Oliveira, em 1980, que era amigo de ambas.

Naquele início dos anos 1990, Lélia Gonzalez adoeceu de diabetes *melito*, sentiu o preconceito e o afastamento de pessoas amigas e companheiras de trajetória. Superou a doença,

¹¹ Tradução livre de Lélia Gonzalez para o termo *womanism*, cunhado por Alice Walker.

¹² GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afrolatinoamericano*. Santiago, Revista *Isis International*. Vol. IX, junio, 1988a, Chile, MUDAR/DAWN, p. 133; GONZALEZ, Lélia. *Nanny*. Revista *Humanidades*. v. 17, ano IV. Brasília, Universidade de Brasília, 1988 p. 23.



candidatou-se e ganhou a direção do Departamento de Sociologia e Política da PUC-Rio. No entanto, veio a falecer por infarto em 10 de julho de 1994, interrompendo um doutorado em Antropologia na USP, o estudo de autores africanos como Joseph Ki-Zerbo e Cheik Anta Diop e a ligação com a cultura negra, especialmente com o candomblé e projetos de tradução. Parece ter havido um afastamento da intelectual ativista do interior das organizações com a qual colaborou, o que traz diversos elementos para a reflexão:

As posturas políticas e teóricas assumidas por Lélia frequentemente provocavam polêmicas; também atraíam as pesadas críticas a que negros intelectuais estão desproporcionalmente submetidos, em especial as mulheres donas de suas próprias idéias e de suas próprias vidas. Assumindo perspectivas que entendem ser mais coerentes com a experiência de seu povo, os negros intelectuais geralmente são vistos com desconfiança por buscar desconstruir os cânones do pensamento acadêmico que reforçam mais do que desafiam o racismo insidioso. (...) Para além dos embates no interior da academia, os negros intelectuais defrontam-se com o intermitente questionamento da militância negra que tende a opor o fazer teórico ao prático. Isto ocorreu, e ainda ocorre, embora em menor grau, por pelo menos duas razões. Em primeiro lugar porque nem sempre se percebeu o potencial da universidade como espaço para a atuação dos negros. Em segundo lugar, pela falta de entendimento quanto ao fato, para que Gramsci já alertara, de que todo grupo social produz seus próprios intelectuais. Estes, em contrapartida, ajudam a construir a identidade do grupo e aprofundam a consciência deste em relação ao papel que tem a cumprir nos planos econômico, social, político e cultural. Num certo sentido, penso que Lélia sofreu pelo pioneirismo, num momento em que parte da militância via os intelectuais, geralmente brancos, acima de tudo como produtores de um conhecimento que alienava nossa trajetória enquanto negros no Brasil.¹³

Se houve distanciamento entre a intelectual ativista e os movimentos sociais aos quais ela se vinculava e representava, especialmente o movimento negro e o movimento de mulheres negras, a trajetória de Lélia Gonzalez ilumina a relação tensa entre intelectual e movimento, indicando que ambos se construíram, se plasmaram e se diferenciaram.

Bibliografia

BAIROS, Luiza. *Lembrando Lélia Gonzalez*. In *Afro-Ásia* 23; Salvador. 1999, p. 347-368.

BARRETO, Raquel Andrade. *Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez*. Dissertação (mestrado em história). Departamento de História da PUC - Rio, Rio de Janeiro (RJ), 2005.

CONTINS, Márcia. *Lideranças negras*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

COSTA, Teresa Cristina N. Araújo. *Caminhando contra o vento – notas sobre a candidatura de Lélia Gonzalez*, Rio de Janeiro: *Comunicações ISEER*. Ano 1, nº 3, 1982. p.43.

DOMINGUES, Petrônio. *Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos*. *Tempo* vol.12 no.23 Niterói 2007, p. 100-122.

¹³ BAIROS, Luiza. *Lembrando Lélia Gonzalez*. In *Afro-Ásia* 23; Salvador. 1999, p. 367.



FELIPPE, Ana Maria. *Lélia Gonzalez: Mulher Negra na História do Brasil*. Disponível em: http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=13070&cod_canal=71
Acessado em: 07/08/09

GONZALEZ, Lélia. Entrevista – Lélia Gonzalez. *Jornal do MNU*, 19, jul./ago.1991, p. 8-9.

_____. *Por un feminismo afrolatinoamericano*. Santiago, Revista Isis International. Vol. IX, junho, 1988a, Chile, MUDAR/DAWN, p. 133-141.

_____. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

_____. *Nanny*. *Revista Humanidades*. v. 17, ano IV. Brasília, Universidade de Brasília, 1988 p. 23-25.

_____. *Mulher Negra*. *Afrodiáspora*, Rio de Janeiro: IPEAFRO, v.3, n.6/7, 1985, p. 94-104, abr./dez.

_____. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. São Paulo, ANPOCS, *Ciências Sociais Hoje*, 2. ANPOCS, 1983a, p. 223-244.

_____. *O movimento negro na última década*. In: GONZALEZ, Lélia & Hasenbalg, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982a, p. 09-66.

_____. *A mulher negra na sociedade brasileira*. In: LUZ, Madel (Org.) *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982b, p. 87-104.

_____. *Beleza negra, ou ora yê-yê-ô*. *Jornal Mulherio*. São Paulo, Ano 2, No. 6, mar.-abr. 1982c, p. 4

_____. *Mulher Negra*. *Mulherio*, São Paulo, ano 1 n. 3, 1981.

LOPES, Helena Theodoro. *Mito e espiritualidade: mulheres negras*. Rio de Janeiro, Pallas, 1996.

NASCIMENTO, Elisa L. *Lélia Gonzalez: mulher negra soberana*. 2004. Publicado originalmente em: www.afirma.inf.br

PEREIRA, Carlos Alberto M. & Hollanda, Heloisa Buarque de. *Patrulhas Ideológicas*. São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 202-212.

RATTS, Alex. *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial/Instituto Kuanza, 2007.

RATTS, Alex & RIOS, Flávia. *Lélia Gonzalez*. 1ª. Ed. São Paulo: Selo Negro, 2010

RIOS, Flavia. *A institucionalização do movimento negro contemporâneo*. 2008. 185 f. Dissertação (mestrado em sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo (SP).

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. *Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez (1970 – 1990)*. . Dissertação (mestrado em história comparada) - Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ).2006.